

Trabalho apresentado em:

FLEURI, R. M. Relações de Saber-Poder na Educação: Disciplinamento e Resistência In: O SUJEITO EM QUESTÃO. Florianópolis : NUP/CED/UFSC, 1994, p. 51-59.

Coleção

---

LABORATÓRIO

1

# O sujeito em questão

---

Universidade Federal de Santa Catarina  
Núcleo de Publicações / Centro de Ciências da Educação

Florianópolis

# Sumário

---

## Apresentação

<i>Reinaldo Fleuri</i> .....	5
------------------------------	---

## Prefácio

<i>Ana Maria Preve e</i>	
<i>Renato Turnes</i> .....	9

## As coisas boas do Mestrado em Educação

<i>Sabino Bussanello</i> .....	13
--------------------------------	----

## A mágica loucura de viver

<i>Neila Maria Viçosa Machado</i> .....	21
---	----

## O resgate da subjetividade em questão

<i>Heloiza Cristina Bousfield e</i>	
<i>Marta Azevedo dos Santos</i> .....	25

## Militância e subjetividade humana

<i>Sabino Bussanello</i> .....	31
--------------------------------	----

## Reflexões sobre a integralidade na formação

*Nadir Esperança Azibeiro* ..... 41

## Relações de saber-poder na educação

Disciplinamento e resistência

*Reinaldo Matias Fleuri* ..... 51

## Meninos e meninas de rua

Uma produção de subjetividade

*Patrícia de Moraes Lima* ..... 61

## O menino, a rua e a escola

*Paulo Roberto Sandrini* ..... 65

## A pedagogia das escolas de samba

A construção da cidadania na organização do carnaval de Florianópolis

*Cristiana Tramonte* ..... 69

## Televisão e educação na alta modernidade

*Maria Isabel Orofino Schaefer* ..... 79

## Arte e educação: algumas reflexões

*Sonia Maria Silveira* ..... 83

## Uma tentativa de apreender o objeto

*Roseane Martins Coelho* ..... 87



**Construção de conhecimentos na escola e  
construção de opções**

*Monica Fantin* ..... 91

**Uma reflexão à respeito da alfabetização**

*Rosimari Gonçalves Martins* ..... 95

**A filosofia no 2º grau: algumas reflexões**

*Celso João Carminati* ..... 101

**O corpo - da visão fragmentada à visão  
holística**

*Antonio Fernando Guerra* ..... 109

**Entre a flor e a ciência**

*Ana Maria Hoepers Preve* ..... 119

# Apresentação

---

*Reinaldo Fleuri*

O semestre letivo começou em setembro. Não em agosto, como seria normal. A greve havia interrompido as atividades universitárias do primeiro semestre de 1993, empurrando seu final para começo de agosto.

A greve. Sim, o período de um mês, em maio-junho, quando em meio às mobilizações de estudantes e professores, tantos desejos que habitavam o Mestrado em Educação tomaram corpo num boneco. Ele ficou exposto, segurando impávido alguns folhetos, sentado numa carteira no corredor, junto à escada do Centro de Educação, observando os transeuntes surdos a seus apelos tácitos.

O boneco. É... ele acabou abandonado debaixo da escada, fazendo companhia às vassouras e baldes de limpeza. Sua alma, porém, vagava nas vozes, nos sussurros e sorrisos que, mais tarde, retiraram-no da tumba para simbolizar o agora canonizado “movimento boneco”.

Um de seus desejos era o de romper o isolamento e os grilhões que “transformam o ato de elaborar teoricamente uma prática, numa tarefa desgastante e enfadonha”<sup>1</sup>. Tinha uma vontade louca de encontrar formas criativas e coletivas de escrever. Ansiava por gerar momentos de troca de experiências

---

<sup>1</sup> **Relatório do Movimento Boneco.** Universidade Federal de Santa Catarina, Mestrado em Educação. Florianópolis, ago.1993, p.4-5.

e de conversas animadas donde, sob as pegadas de trôpegos passos de companheiros de mãos dadas, fossem tecendo-se novos caminhos e veredas

E agora encontravam-se dezesseis pessoas, sob os auspícios de um Seminário Especial que tinha um nome pomposo: *Questões teórico-metodológicas da pesquisa em educação*. A retumbância do nome abrigava, todavia, o singelo desejo de se “estabelecer relações de reciprocidade para discutir entre mestrandos as questões que vão encontrando durante o desenvolvimento de suas pesquisas e da elaboração de suas dissertações”<sup>2</sup>.

Este desejo havia se explicitado entre algumas pessoas no momento de se elaborar o projeto do seminário - antes mesmo de ser apresentado e aprovado pelo Colegiado do Mestrado em Educação da UFSC como um seminário especial, válido também como “Seminário de Dissertação”, uma das disciplinas obrigatórias do Programa. Agora, esta mesma vontade amadurecia-se no primeiro encontro do grupo recém formado em dois de setembro e tomava corpo num programa de atividades para o semestre. Alguns encontros foram reservados para cada um expor seu projeto ou intenção de pesquisa; alguns para discutir questões metodológicas; outros, para aprofundar algumas questões teóricas comuns.

Resolvemos escrever ensaios, sem nos prendermos ainda pelo rigor acadêmico, para começarmos a expressar nossas intenções emergentes de pesquisa. E estes escritos poderiam, ao final, compor uma “Revista”: a “nossa” revista.

---

<sup>2</sup> Programa do Seminário Especial *Questões teórico-metodológicas da pesquisa em educação*, Justificativa. Universidade Federal de Santa Catarina, Mestrado em Educação. Florianópolis, ago.1993, p.2.



Eis, então, que vem à luz - inaugurando a **Coleção Laboratório** do NUP/CED/UFSC - este conjunto de textos, qual vestígios de intensos momentos de partilha, de inquietações, buscas, perplexidades e descobertas.

E é com profundo sentimento que dedicamos esta publicação a nossa querida companheira de caminhada, Heloiza Bousfield, de cujo convívio fomos privados por um trágico acidente, em 7 de setembro de 1994, pouco antes da impressão desta revista.



# Relações de saber-poder na educação

## Disciplinamento e resistência

---

*Reinaldo Matias Fleuri*

O estudo das relações de saber-poder na escola insere-se no processo de pesquisa que venho desenvolvendo desde 1972, quando iniciei os estudos de pós-graduação.

Na Dissertação de Mestrado **Consciência crítica e universidade** (FLEURI, 1978), tomei como objeto de pesquisa a proposta educacional do Ciclo Básico da PUCSP. Meu objetivo foi entender as exigências pedagógicas para a formação da consciência crítica neste contexto escolar. Apoiando-me na teoria de Paulo Freire, percebi que os processos educativos podem contribuir para a “compreensão dos fatores que determinam a prática” (consciência crítica), na medida em que se desenvolvem como diálogo em torno dos problemas emergentes na práxis social. Concluí, então, que o debate em sala de aula poderia favorecer a formação da consciência crítica na medida em que se ligasse, de algum modo, à prática de movimentos sociais.

Assim, essa dissertação colocou-me outro tema de pesquisa, “a relação da universidade com os movimentos sociais”, sobre o qual me debrucei ao elaborar a dissertação de doutorado. Procurei analisar a relação entre universidade e educação popular, através da prática de extensão universitária da

Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), no período de 1978 a 1987 (FLEURI, 1988).

Nesta análise, percebi que a estrutura hierárquica de poder na universidade e na escola contrapõe-se ao processo participativo dos movimentos sociais. E o saber acadêmico, que supervaloriza a teoria formalizada, manifesta uma dinâmica inversa à da produção dialética de saber emergente nos movimentos sociais.

Tal contradição, porém, vivenciada em trabalhos de extensão universitária junto a movimentos populares, gera tensões que interferem na dinâmica tanto da universidade quanto dos movimentos sociais.

Na Universidade Metodista de Piracicaba, por exemplo, a formulação de alguns projetos de extensão universitária foi motivada inicialmente por um ideal de comprometimento com os interesses objetivos das classes populares. Mas a ação desenvolvida é condicionada pela estrutura burocrática e hierárquica, caracterizando-se por certo assistencialismo, academismo e elitismo. No entanto, ao mesmo tempo, cria um espaço acadêmico - nas atividades de ensino, pesquisa e extensão - em que os próprios movimentos sociais fazem-se presentes, trazendo suas preocupações, conflitos e problemas, questionando a política assistencialista e exigindo a superação do caráter elitista e autoritário da universidade. De outra parte, os movimentos sociais, ao atuar junto com agentes da universidade, são desafiados a incorporar instrumentos de sistematização e organização para superar o imediatismo e espontaneísmo de suas práticas.

A oportunidade para aprofundar a análise desta relação contraditória entre universidade e movimentos populares ocorreu-me ao realizar um estudo avaliativo da prática do Seminário Permanente de Educação Popular (SPEP), um projeto promovido pela Universidade de Ijuí (RS), desde 1987,



envolvendo seis grandes movimentos sociais e cerca de cinquenta entidades de assessoria (cf. FLEURI, 1993).

Neste estudo, pude constatar que a oposição entre a forma de organização "burocrática" da universidade e a forma de organização "democrática" dos movimentos sociais não é tão definida quanto eu imaginava na pesquisa anterior, sobre a prática de extensão universitária da UNIMEP. Constatei que tanto na organização interna de cada entidade, quanto na relação entre elas, ocorrem processos conflitivos e dinâmicos de dominação-resistência, que não se reduzem às formas conhecidas como luta de classes ou como dominação burocrática.

Ficou claro, por exemplo, que os movimentos e organizações populares enfrentam conflitos internos entre "liderança" e "base", assim como disputas pela hegemonia que ocorrem entre sindicatos, partidos políticos, movimentos e instituições de assessoria. Da mesma forma que a universidade vivencia dinamicamente confrontos internos entre diferentes grupos e estabelece relações conflitivas com os setores empresariais e estatais. Quer dizer, também no campo popular, os movimentos e organizações emergentes assumem características de estruturação burocrática que me pareciam anteriormente como típicas da organização do Estado, das empresas, do sistema escolar.

Em outras palavras, a contradição pareceu-me, agora, situar-se não apenas na relação entre universidade e movimentos populares, mas prioritariamente na dinâmica das relações que se estabelecem no processo de organização de cada movimento, de cada instituição.

Neste sentido, o referencial teórico utilizado até então (o materialismo dialético e a teoria da organização burocrática), que compreende as relações de poder numa perspectiva das relações econômico-políticas estabelecidas nas macro-

organizações da empresa capitalista e do Estado, mostrou-se insuficiente. Pois, tal referencial permite formular uma explicação da luta entre burguesia e trabalhadores na sociedade capitalista, assim como o processo de dominação burocrática, construído através do Estado e de seus aparelhos, contra as formas de resistência desenvolvidas pelas organizações que surgem de movimentos de trabalhadores. Mas não fornece elementos para compreender como e por que movimentos sociais tendem a se hierarquizar e se burocratizar, sustentando processos de dominação; como tampouco permite entender como e por que desenvolvem-se no interior das próprias instituições econômico-políticas dominantes, processos de resistência à dominação e exploração capitalista.

Estas explicações, penso eu, terão que ser buscadas em nível da microfísica das relações de poder, numa dimensão institucional que revela uma dinâmica diferente, embora articulada, da que se verifica em nível da macropolítica e macroeconomia.

Nesta perspectiva “microfísica” é que me proponho agora a estudar as relações de saber-poder que se estabelecem nas instituições sociais.

Neste momento, priorizarei um estudo eminentemente teórico, tendo como pano de fundo a prática educativa na escola e nas organizações populares para, posteriormente, comparar e relacionar as formas de construção de saber e de poder por elas desenvolvidos, com a esperança de entender melhor como se dão os processos de dominação e resistência na prática destas instituições.

Para isso é que, nesta fase de meu processo de pesquisa (a que se refere o presente projeto), pretendo elaborar um referencial teórico baseado prioritariamente na teoria de Michel Foucault.



Ao pesquisar o aparecimento histórico das Ciências Humanas, FOUCAULT, em *As palavras e as coisas*, constata que elas são o produto de uma interrelação de saberes<sup>1</sup>, que revela uma ordem interna, constitutiva do saber, a qual ele chama de *épistémè*<sup>1</sup>. Para FOUCAULT, em uma cultura e em dado momento só existe uma *épistémè* (daí seu aspecto de globalidade) e revela um *a priori* histórico<sup>2</sup> (daí sua profundidade) que torna possível os diversos saberes e a própria ciência. Assim, a formação dos saberes e a relação entre eles deve ser buscada não em nível gramatical (das frases), nem

---

<sup>1</sup> "Podemos enunciar mais rigorosamente sua tese: 'as ciências empíricas e a filosofia podem explicar o aparecimento, na época da modernidade, desse conjunto de discursos denominados ciências humanas porque é com elas que o homem passa a desempenhar duas funções diferentes e complementares no âmbito do saber: por um lado, é parte das coisas empíricas, na medida em que a vida, trabalho e linguagem, são objetos - objetos das ciências empíricas - que manifestam uma atividade humana; por outro lado, o homem - na filosofia - aparece como fundamento, como aquilo que torna possível qualquer saber. O fato de o homem desempenhar duas funções no saber da modernidade, isto é, sua existência como coisa empírica e como fundamento filosófico, é chamado por Foucault de *a priori* histórico, e é ele que explica o aparecimento das ciências humanas, isto é, do homem, considerado não mais como objeto ou sujeito, mas como representação" (MACHADO, 1982, p.124-5).

<sup>1</sup> "O que caracteriza a reflexão de Foucault em *Les mots et les choses* é especificamente a investigação de uma ordem interna constitutiva do saber. É então que se coloca a questão da *épistémè*. *Épistémè* não é sinônimo de saber; significa a existência necessária de uma ordem, de um princípio de ordenação histórica dos saberes anterior à ordenação do discurso estabelecida pelos critérios de cientificidade e dela independente. A *épistémè* é a ordem específica do saber; é a configuração, a disposição que o saber assume em determinada época e que lhe confere uma positividade enquanto saber" (MACHADO, 1982, p.148-9).

<sup>2</sup> "Com o termo *a priori* o que pretende Foucault é assinalar o elemento básico, fundamental, a partir de que a *épistémè* é condição de possibilidade dos saberes de determinada época" (MACHADO, 1982, p.150).

lógico (das proposições), mas em nível dos enunciados<sup>3</sup> que constituem um discurso<sup>4</sup>.

Ao buscar entender o porquê dos saberes, FOUCAULT explica sua existência e suas transformações como dispositivos de relações de poder. Através de suas pesquisas sobre o nascimento da prisão e dos dispositivos de controle da sexualidade, Foucault vê delinear-se formas locais e institucionais de exercício de poder diferentes do poder exercido pelo Estado. Trata-se de poderes moleculares e periféricos que, embora articulados com o aparelho de Estado, não foram absorvidos por este. Foucault identifica este tipo de poder como "poder disciplinar"<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> "Em suma, o enunciado é uma função que possibilita um conjunto de signos, formando unidade lógica ou gramatical, se relacionar com um domínio de objetos, receber um sujeito possível, se coordenar com outros enunciados e aparecer como um objeto, isto é, como materialidade repetível" (MACHADO, 1982, p.170)

<sup>4</sup> "Um discurso é um conjunto de enunciados que têm seus princípios de regularidade em uma mesma formação discursiva. Trata-se de um conjunto finito, de um grupo limitado, circunscrito, de uma seqüência finita de signos verbais que foram efetivamente formulados. (...) O discurso é um conjunto de regras dado como sistema de relações. Essas relações constituem o discurso em seu volume próprio, em sua espessura, isto é, caracterizam-no como (...) prática discursiva" (MACHADO, 1982, p.170-1)

<sup>5</sup> "Estes métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar de 'disciplinas'. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo; nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. (...) O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente ao aumento de suas habilidades, nem tampouco a aprofundar sua sujeição, mas à formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política de coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O



A disciplina distribui os indivíduos no espaço, estabelece mecanismos de controle da atividade, programa a evolução dos processos e articula coletivamente as atividades individuais. Utiliza recursos coercitivos como a vigilância, sanções e exames (FOUCAULT, 1977, p.123-204).

Embora a pesquisa de Michel FOUCAULT tenha focalizado particularmente o nascimento das Ciências Humanas e sua relação com o surgimento de instituições disciplinares nos séculos XVIII e XIX, sua teoria sobre saber-poder permite um novo enfoque de análise sobre a temática que venho pesquisando.

Assim, por um lado, a oposição entre saber acadêmico e saber popular, identificada anteriormente, pode ser revista com base na noção de *épistémè*, que aponta uma identidade básica na estrutura de saber de uma sociedade numa determinada época. Além disso, o saber popular pode ser melhor entendido em suas formas “não sistematizadas cientificamente” ser for analisado como “enunciado” e não simplesmente em sua expressão gramatical ou lógica.

Por outro lado, os saberes (populares ou científicos) passam a ser vistos como dispositivos de poder produzidos no jogo de forças que se dá entre as instituições e no interior de cada uma, quer se trate das organizações ligadas ao Estado, quer das que resultam de movimentos sociais. Nesta perspectiva, é possível compreender que o poder não se circunscreve a instituições e normas determinadas (o Estado, a empresa, a escola, assim como o sindicato, a associação de bairro, o centro de assessoria popular...), que possam ser apropriadas e reorientadas por determinados grupos com projetos políticos determinados, mas

funciona como uma rede de relações conflitivas que produzem e são produzidas por estas mesmas instituições.

Desta maneira, as relações de saber-poder aparecem como uma rede conflitiva de forças, onde dominação e resistência são manifestações opostas e interligadas por determinados mecanismos, mas não podem ser localizadas e identificadas, de modo absoluto, com uma ou outra instituição, com um ou outro setor de cada organização.

A compreensão das relações de saber-poder disciplinar coloca a necessidade de se teorizar as formas de resistência que se desenvolvem nessas relações. Para isso vou me valer das teorias que vêm se elaborando na corrente de pensamento pedagógico libertário. Essa vertente teórica parece-me particularmente fecunda para o propósito desta pesquisa, porque (é o que posso supor a partir de uma leitura que se encontra ainda numa fase apenas introdutória, mas que pretendo justamente aprofundar a seguir) tende a sistematizar não apenas as práticas de organização anti-burocráticas, mas também indicam formas de ação anti-disciplinar.

Em suma, o desafio de pesquisa que estou assumindo para os próximos dois anos é o de aprofundar o estudo da obra de Michel Foucault e das principais obras produzidas na linha do pensamento libertário, com o intuito de elaborar um referencial teórico útil para entender como se constroem os processos de resistência nas relações disciplinares de saber e poder, particularmente nas práticas de educação escolar e popular.

## Referências bibliográficas

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FLEURI, R.M. **Consciência crítica e universidade**. São Paulo: PUCSP, 1978.

\_\_\_\_\_. **Educação popular e universidade**. São Paulo: UNICAMP, 1988.



\_\_\_\_\_. **A questão do conhecimento na educação popular.** Florianópolis: UFSC, 1993.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas.** Trad. Salma Tannus Muchail. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir.** Trad. Lígia Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. **A vontade de saber** (História da Sexualidade, I). Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 4.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MACHADO, Roberto. **Ciência e Saber. A trajetória da arqueologia de Foucault.** Rio de Janeiro: Graal, 1981.